



PROFESSORES QUE ESTUDAM, ALUNOS QUE APRENDEM: A IMPORTÂNCIA DA AUTOFORMAÇÃO DOCENTE

BASTOS, Ana Cristina de Almeida Cavalcante - UFPB

anacristinabastos2008@hotmail.com

RODRIGUES, Ana Paula Soares Loureiro - UFPB anarodrigueseducadora@gmail.com

RESUMO:

Este estudo se propõe a refletir sobre a importância do professor ver a si mesmo como um “ser aprendente” e se tornar responsável por sua autoformação docente, objetivando se instrumentalizar para percorrer os caminhos da aprendizagem voltados ao desenvolvimento pessoal e profissional. Reflete como alternativa metodológica para fundamentar a prática pedagógica diuturna docente, o capítulo do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado: Educação, um Tesouro a descobrir (1996), que explora os quatro pilares da educação. Para análise dos resultados, demonstra a importância da relevância social deste estudo no sentido de instigar a reflexão crítica do professor e seu compromisso ético de autoformação objetivando a potencialização da prática pedagógica do referido profissional em seu cotidiano escolar. Conclui afirmando que a autoformação permite o protagonismo do professor no sentido de prover para si uma formação crítica, ampla e permanente que não se esgota em cursos de graduação ou em formações continuadas sistemáticas, mas que vai além por toda a existência pessoal e profissional do ser educador.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Autoformação. Quatro pilares da educação

Introdução:

O mundo atual passa por constantes transformações de ordem política, social, econômica, cultural e religiosa que interferem decisivamente na vida das pessoas que participam e são condicionadas por determinadas normas e valores nas sociedades em que vivem. Todos estes determinantes por mais diversos e mutáveis que sejam, trazem uma sensação de apreensão e inquietação quanto ao futuro que está por vir, quando por um lado, se propicia um avanço tecnológico sem precedentes que interliga pessoas e lugares de forma inimaginável e por outro, ainda exclui, segrega rotula e minimiza alguns de seus partícipes, principalmente quando não



correspondem ao protótipo padrão determinado pelas normas sociais. Desta forma se faz necessário cada vez mais uma educação pautada na construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva, que passa necessariamente por uma escola inclusiva, que requer um “professor aprendente” capaz de vencer preconceitos, quebrar paradigmas e de estar sempre ávido por novas aprendizagens a fim de ampliar seu foco de olhar, ressignificar sua prática pedagógica e fazê-lo crer que cada aluno que cruza seu caminho é capaz de lhe trazer novas possibilidades de construção de conhecimento e de aprendizagem.

Destarte, este estudo tem como objetivo geral refletir sobre a importância da autoformação docente como forma de instrumentalizar o professor no desenvolvimento de alternativas pedagógicas que favoreçam a potencialização de seu desenvolvimento pessoal e profissional. Tem como objetivos específicos apresentar uma proposta pedagógica pautada nos quatro pilares da educação; instigar a reflexão crítica do professor em seu compromisso de autoformação e apresentar a necessidade ética de unir teoria e prática com vistas a promover uma prática pedagógica significativa em seu cotidiano escolar.

Inicialmente este estudo discorrerá sobre aprendizagem humana. Em seguida, serão apresentados os quatro pilares da educação e a sua aplicabilidade metodológica em sala de aula. Na continuidade, espera-se como resultado da pesquisa que o professor ao se embasar de uma metodologia pautada nos quatro pilares da educação e dentro de um processo de autoformação permanente possa potencializar seu desenvolvimento profissional. Conclui-se que uma autoformação permanente promove um fortalecimento da identidade profissional e uma busca por excelência que propiciará ao professor considerar a diversidade humana, as singularidades nas diferenças de aprendizagem e o compromisso da oferta da igualdade de oportunidades para desenvolvimento de potencialidades de todos o seu alunado.

1. A aprendizagem humana e o professor aprendente.

O ser humano é um “animal” diferenciado dos outros por sua racionalidade, sua capacidade de pensar, questionar, aprender e transformar conceitos, construindo assim seu próprio caminho de desenvolvimento. Os animais, por sua vez, nascem com um instinto bastante desenvolvido, que os propiciam a lutar por sua sobrevivência. Já o ser humano não! Nasce totalmente dependente dos adultos de sua espécie. Vive uma jornada contínua de aprendizagem. Desde o nascer, ao respirar pela primeira vez, tem sempre que aprender: aprende a sentar, engatinhar, andar, pular, correr,



dançar, dominar conhecimentos que o incita a querer mais, a sair de si mesmo e desbravar novos mundos.

Segundo Oliveira (2002) para a vivência de novas descobertas, o homem percorre várias rotas de aprendizagem: aprende por tentativa e erro, quando sozinho utiliza várias tentativas de ação, até encontrar a mais adequada para solucionar um determinado problema; aprende por imitação quando imita alguém no momento da ação ou posterior a ela e aprende por ensino intencional, que neste caso em particular, requer outro alguém que transmita intencionalmente o conhecimento a ser adquirido.

Cada pessoa tem a capacidade de simbolizar, isto é, vivenciar experiências e repassá-las a outros, através de símbolos, de forma ativa, concatenada e atualizada. Além de simbolizar, pode também decifrar (ler) símbolos criados por outros, que lhes permite novas descobertas e novas aprendizagens (OLIVEIRA, 2002). É dessa forma que surge o processo ensino aprendizagem, de caráter contínuo e permanente, pois faz com que a cada instante, se possam realizar novas aprendizagens e se repassem aos seus pares, numa contínua relação de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem é um processo individual, pois depende de processos internos e atividades mentais (cognitivos) de cada pessoa e a sua capacidade de estabelecer relações entre o que se aprende e aquilo que já fora aprendido anteriormente. Mas não se deve esquecer que a aprendizagem também é um processo social, uma vez que cada pessoa vive em culturas diferentes, famílias diferentes e recebem estímulos diferentes para o desenvolvimento de suas competências, pois cada sociedade educa seus membros para assimilarem os valores que permeiam seus grupos sociais.

A escola se torna um espaço importantíssimo e privilegiado para a promoção do desenvolvimento humano no tocante aos processos educacionais mais intencionais, uma vez que é no lócus escolar que é transmitido o saber tradicional e o saber científico de forma organizada e sistematizada, a fim de verdadeiramente cada pessoa possa se desenvolver e ser inserida na sociedade como um ser crítico, pensante, atuante, ético e competente. E neste ambiente, cabe ao professor, a missão de ensinar: ensinar conteúdos, ensinar a pensar e ensinar valores.

Atualmente, as informações se processam rápido demais. O mundo globalizado, transformado numa “grande aldeia” através de uma tela de computador, que conectado a internet,



interliga pessoas, fatos, histórias e culturas diferentes, faz com que cada professor tenha a urgente necessidade de se atualizar num espaço muito além da graduação e da formação continuada, que é o da autoformação, no qual de maneira perene e contínua, o professor investe em si mesmo e em sua formação até para poder ter respostas de como ensinar nos dias de hoje. Eis o grande desafio!

A autoformação constitui-se, portanto, num processo permanente de desenvolvimento docente que se reflete diretamente na maneira de como o professor constrói a sua realidade profissional, transformando a si mesmo, no bojo das atividades concretizadas na cotidianidade da prática pedagógica. Para tanto, se faz necessária uma postura docente reflexiva, com vista ao questionamento dos limites e possibilidades da profissão professor, o que aponta para uma análise mais aprofundada das funções docentes e das situações de aprendizagem profissional. (TEIXEIRA; SILVA E LIMA, 2010, p 6)

Ensinar não é tarefa fácil, principalmente diante da realidade das salas de aula, onde o professor está se confrontando sempre com a indisciplina, violência, droga, desmotivação dos alunos, falta de recursos didáticos pedagógicos e outras situações que interferem direta ou indiretamente no processo ensino aprendizagem. Isso sem falar no fato da acomodação de alguns professores em práticas pedagógicas, não aceitando a diversidade como fator de crescimento, querendo homogeneizar seus alunos e se limitando apenas ao mero repasse de conteúdos, achando que sua missão é “ensinar” e a do aluno, “aprender”. Então necessário se faz buscar na autoformação a consciência crítica-reflexiva sobre limites encontradas no dia em sala de aula e as possibilidades de mudança de práticas, com vistas à construção cada vez mais sólida da identidade do professor. É isso que Nóvoa (1992, p 13) retrata quando afirma que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. a partir da própria postura do professor.

2. Metodologia: Qual será o caminho para o professor aprendente neste século XXI?

O estudo em foco apresenta pesquisa qualitativa teórico-metodológica bibliográfica sobre formação de professores tendo como fonte de pesquisa livros, artigos científicos, periódicos e outros materiais disponibilizados na internet. Sugere uma metodologia interativa, processual e voltada para a compreensão da integralidade humana.



Destarte, este estudo também se ancora em Moraes e Navas (2010) ao refletir sobre a importância de uma visão transdisciplinar da formação docente que envolve três eixos complementares: autoformação, heteroformação e ecoformação.

É da dinâmica operacional entre esses elementos que nasce a complexidade constitutiva da ação docente formadora. Complexidade que se apresenta em todo processo de formação ao integrar e envolver a formação na relação consigo mesmo (autoformação), a formação na relação com o outro (heteroformação) e a formação com o meio ambiente (ecoformação). (MORAES e NAVAS, 2010. p 190)

Nesta pesquisa propomos um estudo sobre o processo de autoformação docente de forma que o professor possa olhar para si mesmo, para sua prática e perceba a real necessidade de estar em contínua formação, de quebra de paradigmas e de resistências às mudanças, de abertura ao novo, de busca de novas alternativas metodológicas e de fortalecimento de sua identidade docente e partir daí, se responsabilizar por seu próprio processo de formação.

Em busca desse processo de autoformação esta pesquisa anuncia um método flexível e aberto à construção de conhecimentos e recomenda como sugestão uma prática pedagógica voltada para os quatro tipos fundamentais de aprendizagem: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser, intitulados como “os quatro pilares da educação”, frutos de um relatório entregue pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI intitulado: “Educação: Um Tesouro a Descobrir” que se transformou em livro editado e publicado em 1999 pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. – UNESCO.

2.1 Aprender a Conhecer ou Aprender a Aprender

Este pilar apresenta ao professor a missão de desenvolver em seus alunos o gosto pela aprendizagem, a motivação para adquirir cada vez mais conhecimento, utilizando em sua prática pedagógica dos - OS métodos dedutivo e intuitivo, na estimulação dos processos cognitivos (raciocínio lógico, compreensão, dedução e memória).

O mundo de hoje requer que cada vez mais que se possa apropriar de uma cultura geral, como também de se aprofundar em determinados saberes específicos, até porque se vive na Era do Conhecimento onde o “poder” consiste no “saber”. É o que Delors afirma quando relata:

O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

capacidade de discernir. Deste ponto de vista, há que repeti-lo, é essencial que cada criança, esteja onde estiver, possa ter acesso, de forma adequada, às metodologias científicas de modo a tornar-se para toda a vida “amiga da ciência” Em nível do ensino secundário e superior, a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo (DELORS, 1998, p. 91)

Para que isso aconteça, o professor deve aprender a refletir sobre sua prática pedagógica e como os alunos aprendem. Para tanto, pode lembrar- SE de como se deu e como se dá seu próprio processo de aprendizagem individual, pois se sabe como melhor aprende, saberá como melhor ensinar! O professor deve também se conscientizar que não pode ser apenas um erudito e capacitado formador, detentor do saber e o aluno apenas um processador e receptáculo de informação ou como nos diz Freire quando fala sobre a Educação Bancária “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1985). O professor tem que ver seu aluno como um ponto de partida, não somente para o ensino de conteúdos, mas para o desenvolvimento de suas opiniões, sua autonomia seu pensamento crítico e criativo. Dessa forma o professor estará contribuindo para formar integralmente o ser humano enquanto ser crítico e pensante, capaz de questionar e reformular a sociedade em que vive.

Portanto, quanto mais fizer da aprendizagem uma situação prazerosa e significativa, o professor estará propiciando aos seus alunos a condição de compreender, descobrir e construir seus próprios caminhos na aquisição do conhecimento. Ademais, estará dando a si mesmo enquanto professor, pistas para melhor elaborar sua prática pedagógica no cotidiano em sala de aula, fazendo com que o processo educacional se fortaleça em sua totalidade.

2.2 Aprender a fazer:

Enquanto o aprender a conhecer subsidia o aluno com as bases teóricas, este segundo pilar retrata a parte prática da formação técnico-profissional, tão necessária nos dias atuais.

Diante de uma sociedade de consumo que se transforma a todo o momento, que tem uma evolução tecnológica como dantes nunca vista, urge a preparação de profissionais capacitados para assumirem os postos de trabalho. Mas como bem diz Delors:

Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

fabricao de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar. DELORS, 1999, p. 93)

Não basta ensinar aos alunos a competência técnica, pois o mercado atual é muito mais exigente na hora de selecionar um candidato para assumir um posto de trabalho numa empresa. Atualmente características como liderança, iniciativa, capacidade para trabalhar em equipe na gestão e resolução de conflitos e de se comunicar com os outros, são atributos fundamentais para o novo profissional dessa nossa sociedade de consumo. Sendo assim, o professor deve sempre lembrar de Freire que diz: “[...] a formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária devem estar a serviço de sua libertação permanente, de sua humanização.” (FREIRE, 1985).

Para o professor vivenciar este segundo pilar em sua prática diária, deve desenvolver cada vez mais a criatividade de seus alunos, trabalhando a capacidade destes poderem se expressar espontaneamente suas ideias e opiniões, de se utilizarem da pesquisa para o aprofundamento dos conhecimentos, de trabalhar em atividades em grupos através da aprendizagem cooperativa, onde estes alunos percebam que podem se ajudar mutuamente para aprender, de vivenciarem a pedagogia da pergunta em sala de aula, de não ter medo de questionar, opinar e propor novas rotas de construção de conhecimento.

É se utilizando da pedagogia da pergunta que os alunos exercem a sua autonomia, discutem fatos, dialogam entre seus pares, demonstram seu potencial criativo, expõem suas dúvidas e questionamentos e favorecem uma maior contribuição para que a aula se torne significativa, prazerosa e com relação entre a teoria ensinada e o que cada aluno vive em seu mundo individual e enquanto coletivo no ambiente social ao qual está inserido.

2.3 Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros: o terceiro pilar.

Segundo Delors (1999, p 96) “esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação”, pois num mundo onde cada vez mais impera o individualismo, a competitividade, o preconceito, a violência, a agressividade e os conflitos faz-se necessário desenvolver cada vez mais uma cultura da paz, de harmonia, de solidariedade, respeito e equidade.



É interessante observar como o mundo através do processo de globalização ficou interligado. Basta lembrar que um computador conectado a internet, torna-se um ambiente virtual que favorece a comunicação simultânea de várias pessoas nos mais distantes recantos da terra. Os sites de relacionamento pessoal são bastante procurados e muitas vezes conseguem fazer com que crianças, jovens e adultos fiquem horas diante da tela de um computador, esquecidos do mundo que os rodeia, fixados, dependentes de um bate papo virtual com pessoas que sequer nunca serão vistas pessoalmente. E o mais interessante de tudo isso é que muitas vezes, essas mesmas pessoas que estão conectadas com outras de diversas partes da terra, estão “desconectadas” com aquelas mais próximas a elas: pais e filhos, esposos e esposas, irmãos, professores e alunos, que não dialogam entre si porque não têm tempo, uma vez que precisam de tempo para ficar a mercê de suas próprias dependências pessoais em vencer o vazio existencial que os circunda.

Esse individualismo, essa falta de interação, também concorre para a dificuldade nas relações interpessoais dos grupos sociais existentes. Isso sem falar nas desigualdades sociais, no preconceito, na discriminação, na falta de respeito ao princípio da diversidade humana que denigre, estigmatiza, rotula e desvaloriza as pessoas. É o caso das minorias ou daqueles que possuem características próprias, seja de etnia, condição social, econômica, financeira, religiosa ou de orientação sexual. Discrimina-se muitas vezes a pessoa negra, índia, pobre, com deficiência, homossexual, enfim, as pessoas que não se enquadram no “parâmetro de normalidade” que a sociedade dita como correto.

E na escola não poderia ser diferente! Num local que deveria ser um canteiro de valorização da diversidade, ainda se tenta buscar a homogeneidade e ao passo que não se aceita o diferente, se possibilita indisciplina, apatia, agressividade, discriminação e preconceito onde muitas vezes, no próprio interior da escola, os espaços e horários destinados ao lazer e desenvolvimento do convívio social, se transformam em palco de insultos, agressões verbais e até mesmo físicas.

Ao evidenciar este pilar como parte fundamental no desenvolvimento de atitudes e valores, o relatório aponta a necessidade de “[...] transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.” (DELORS, 1999, p 97).

O primeiro caminho, a descoberta do outro, consiste em conhecer a si mesmo verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender suas reações. Uma das formas de se



trabalhar na escola é vivenciando a ética em sala de aula como muito mais do que um conteúdo ministrado por ser um tema transversal, mas acima de tudo, em atitudes que geram justiça, confiança, solidariedade, respeito e diálogo, não somente entre professores e alunos, mas por todos os que fazem a comunidade escolar e que se tornam corresponsáveis pelo processo educacional, parceiros na construção do ensino-aprendizagem.

Já o segundo caminho consiste em participar de projetos comuns:

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, logo desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações. As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno. (DELORS, 1999 p. 99)

2.4 Aprender a ser

Numa sociedade altamente competitiva como esta em que se vive, muitas vezes o ser humano vive em busca do “ter” em detrimento da formação do “ser”. Portanto, necessário se faz que a educação contribua para o desenvolvimento total da pessoa numa visão multidimensional e indivisível do ser humano em seus aspectos físicos, psíquicos e espirituais: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade.

Enquanto professor, não se deve fragmentar o aluno, como se este fosse apenas um cérebro em busca de conhecimentos formais, mas vê-lo como um ser holístico, uno, indivisível, com sonhos, projetos, esperanças, que necessitam ser cultivados para que se tornem realidade em construção. Dessa forma, o professor estará contribuindo para formar pessoas autônomas, críticas, inteligentes, fraternas e solidárias, capazes de se relacionarem entre si e se tornarem agentes construtores de uma cultura de paz.

3. Resultados

Ao apresentar uma reflexão sobre a aprendizagem humana e situar o professor como aprendente, este estudo apresentou como resultado uma análise da função docente e da imperiosa



necessidade de uma autoformação profissional. Para tanto, ainda apresentou uma proposta metodológica crítico-reflexiva sobre a atuação docente pautada nos quatro pilares da educação, com vistas de se propor uma ressignificação de valores, ampliação de competências, de quebra de paradigmas e de fortalecimento da identidade de ser professor. Propõe empoderar o professor no sentido de valorização de sua prática e de busca permanente de formação docente a partir do conhecimento produzido no ambiente escolar, na relação de troca entre professor e aluno e no conhecimento dos limites existentes em sala de aula, mas acima de tudo nas possibilidades de mudanças com vistas a uma educação mais humanitária, fraterna e igualitária no desenvolvimento de potencialidades.

4. Conclusão:

Repensar nossa prática pedagógica a partir de um contínuo processo de autoformação é exercitar nosso compromisso ético de crescimento individual e profissional na tentativa de buscarmos sempre sermos melhores naquilo que fazemos, principalmente em nossa missão de lecionarmos, de disseminarmos um conhecimento sistematizado no ambiente escolar, mas acima de tudo, termos a possibilidade de repassarmos valores que incidem na formação básica do cidadão.

Pautarmos nossa ação docente nos quatro pilares da educação consiste em assumirmos o compromisso conosco mesmo, de sermos profissionais autênticos, envolvidos, éticos, conscientes da nossa missão enquanto agentes de transformação da sociedade em que vivemos. Mais do que nunca, o mundo, o Brasil, o nosso estado, a nossa cidade, precisam não somente daqueles que ministram o conteúdo, mas acima de tudo, daqueles que formam valores, que despertam seus alunos para as questões éticas, sociais, políticas e econômicas vigentes, tornando-os comprometidos com as mudanças estruturais da sociedade vigente.

Precisamos ter a consciência da necessidade de formação desde a graduação, pós-graduação, formação continuada, mas acima de tudo de uma autoformação permanente objetivando enriquecermo-nos de conhecimentos e buscarmos novas alternativas metodológicas que nos permitam acolher a diversidade e favorecer uma educação de qualidade para todos os nossos alunos.

Devemos sempre mudar o nosso foco de olhar, não nos fixando nos limites, mas sim no potencial que cada aluno possui e nos tornarmos mediadores a fim de fazer fluir todas as competências que muitas vezes estão adormecidas no interior dos seres humanos porque ninguém



nunca os valorizou. Nossa missão é sermos orientadores, colaboradores, formadores e empreendedores de ambientes propícios à aprendizagem.

Mas isso só acontecerá se não usarmos de atitudes farisaicas, do tipo: “faça o que digo, mas não faça o que faço”, de usarmos a ética, não como um tema transversal a ser vivenciado em sala de aula, mas como postura permanente no dia a dia de quem fala e faz o que fala. Sendo humildes, competentes, solícitos e utilizando a aprendizagem significativa e colaborativa, com certeza, iremos marcar positivamente àqueles a quem ensinamos, até porque também, iremos aprender com cada um deles.

Devemos ter mais consciência da importância de nosso desenvolvimento profissional, de buscarmos aprender a partir das nossas experiências concretas do nosso dia a dia. Todas as vezes que nos depararmos com um aluno que não correspondeu às nossas expectativas de aprendizagem, não devemos encará-lo como um problema, mas sim como um desafio à nossa prática pedagógica. É a partir dele, que iremos buscar novos caminhos, desbravar novas rotas, sairmos da mesmice...

Se nós queremos que os nossos alunos estudem e aprendam em sala de aula, então devemos também nós, estudarmos e aprendermos. Teremos de saber que não haverá ensino, se não houver aprendizagem e não haverá aprendizagem se não houver um ensino significativo para que esta aconteça. Eis aí o “X” da questão: Se sabemos que a aprendizagem é contínua e acontece de várias formas, então temos que nos conscientizarmos que nossa missão de ser professor educador não se detém apenas no “ensinar”, mas acima de tudo no “aprender!”.

Portanto, ser professor educador é ser um eterno aprendiz! É viver a bidirecionalidade do processo de ensino e aprendizagem (MEC/SEESP, 2002): quanto mais aprendemos, ensinamos; quanto mais ensinamos, aprendemos. Esta bidirecionalidade se dá através do estudo, da busca pelas competências, de nos reconhecermos limitados e ávidos por novos conhecimentos. É termos a consciência que o bom professor é aquele que estuda hoje, amanhã e sempre!

Devemos estudar sim e irmos à busca do nosso aperfeiçoamento, pois os alunos querem professores que dominem conhecimentos e tenham segurança para repassar conteúdos. Mas devemos lembrar que não podemos nos limitar a sermos meros transmissores de informações, pois para isso existem muitos outros caminhos: TV, internet, jornais, revistas, etc. Acima de tudo, lembremos que cada aluno, representa muito mais do que um número na caderneta e por trás de



cada número, existe um nome, sobrenome, problemas, sonhos, limites e potencialidades; existe um ser em potencial que necessita de uma interação para deslançar seu processo de formação pessoal.

E assim, conclamar cada um de nós, professores e professoras para fazermos a maior revolução que o mundo precisa e que depende de cada um de nós: dar o melhor de si, estudando, pesquisando refletindo, para que dessa forma, ao socializarmos os nossos conhecimentos, possamos ajudar na construção de uma sociedade cognitiva bem mais humana. Sendo assim, lembremo-nos sempre que: professores que estudam são sinônimos de alunos que aprendem!

Referências:

ARANHA, Maria Salete Fábio, Adaptações curriculares em ação: a bidirecionalidade do processo de ensino e aprendizagem/ Secretaria de Educação Especial, - Brasília, DF, MEC/SEESP, 42 p, 2002

COLL, César et al. O Construtivismo em Sala de Aula, 6ª, SP, Ática, 1997, 224p

DUK, Cynthia, Educar na diversidade: material de formação docente, 2ª ed. Brasília, DF, MEC/SEESP, 2005, 266p

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa. 24ª ed. São Paulo, SP, Paz e Terra, 2002.

_____, Pedagogia do Oprimido. 15ª ed. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1985.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: A. Nóvoa (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohi, A Construção dos Seres Humanos. Ofício de Professor – Aprender mais para ensinar melhor. V. 1, p. 10-28, 2002

TEIXEIRA, Francisca dos Santos; SILVA, Maria de Jesus Assunção e; LIMA, Maria da Glória. O desenvolvimento docente na perspectiva da (auto)formação profissional. Disponível em http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT_03_09_2010.pdf

Acesso em 05/08/2016